



Myrthes Wenzel ainda busca inovações

Educação de adultos tem novo método

Eliane Bardanachvili

Os projetos de educação para adolescentes e adultos no país sempre resultaram em sucessivos fracassos e ainda estão longe de tirar essa faixa de ensino da marginalidade. A professora Myrthes Wenzel, à frente de um projeto que acaba de ser premiado com US\$ 2 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), pretende mostrar que é possível modificar esse panorama.

Educadora há 42 anos, secretária de estado de Educação do governo Faria Lima (1974 a 1978) e diretora do Centro Educacional de Niterói (CEN) — escola com padrões progressistas e cursos em horário integral, desde sua criação, em 1960 —, Myrthes Wenzel não critica as iniciativas como a do antigo Mobral e da Fundação Educar, mas acha que, no cômputo geral, faltam empenho e rigor no cumprimento de cronogramas e na realização dos

projetos. É isso que, segundo ela, entrava a oferta de vultosos recursos para a educação como o que conseguiu do BID.

O projeto liderado pela professora será centralizado no CEN, que pertence à Fundação Brasileira de Educação. Propõe o ensino semi-indireto, onde o aluno, adolescente ou adulto, não precisa ir à escola diariamente. Ele vai lidar com um tipo de instrução que o conduzirá a aprender sozinho e requisitar orientação do professor, quando necessitar, num dos núcleos pedagógicos, situados em igrejas, associações de moradores e casas comerciais.

“Não há como fazer escolas para adultos nos mesmos moldes que para crianças. Eles têm outras urgências e distribuem seu tempo de maneira bem diferente”, explica Myrthes Wenzel, que considera o ensino à distância o melhor método para esses alunos. “Estamos rompendo com os muros da

escola. Não é de prédios que a educação brasileira precisa. Eles existem e são mal administrados. Temos que investir é no professor”, afirma.

A proposta inclui formação de professores especificamente para a faixa de adolescentes e adultos. Dentro de um mês, serão recrutados 40 que terão treinamento permanente. “O ensino à distância não dispensa o professor. Seu papel é fundamental, como orientador do aprendizado, na condução do aluno a novas perspectivas”, diz Myrthes.

Para a professora, é a qualidade do ensino que poderá despertar no aluno o desejo de continuar se aperfeiçoando, após terminar o curso, garantindo que ele não volte a ser analfabeto. “A falta de continuidade é um problema seriíssimo. As pessoas se alfabetizam, adquirem conhecimento mas, se não continuam a estudar ou, pelo menos, a ler, elas regridem”.